

ACTUALIDADE E MEMÓRIA

por Mário Soares

O período eleitoral começou, com alguma crispação desnecessária. Os Partidos concorrentes apresentaram os seus programas. Os debates estão em curso entre os líderes, como é normal que aconteça. Infelizmente, não tive ocasião de ver o debate entre Jerónimo de Sousa e Francisco Louça, de que estava particularmente curioso. Mas, segundo me disseram - um jornalista que considero isento - foi inesperadamente bem comportado, ou mesmo consensual, como se quisessem guardar as suas respectivas baterias contra os partidos do chamado eixo do poder: PS e PSD.

Para mim é estranho, quase incompreensível, essa preocupação em partidos que se reclamam da Esquerda. É a política do "quanto pior, melhor", que em tempo de crise - como a que vivemos ainda - pode ser perigosíssima. Temos a memória da experiência ocorrida nos anos trinta, do século passado, com a ascensão de Hitler, que conduziu à hecatombe da II Guerra mundial... Deixou-se caminhar o nazismo porque a luta era contra o social democracia, o rival mais próximo... E acabaram todos nos campos de concentração: democratas-cristãos, socialistas, comunistas e trotskistas perante um Hitler megalómano, onnipotente e implacável...

É claro que a História não se repete. As tragédias que vivemos no passado - e que os mais velhos guardam nas suas memórias - são um antídoto importante contra os novos e velhos riscos que voltamos a correr. Não só, obviamente, em Portugal, mas também - e é mais grave - na União Europeia que hoje, tem um rumo muito incerto, com ventos da Direita anti-europeístas agressivos e nacionalistas a despontar.

Nos últimos vinte anos, assistimos a duas implosões pacíficas, extremamente significativas: o universo do comunismo soviético, de Lenine e Estaline; e o capitalismo especulativo-financeiro, dito de casino, em 1989-91 e 2007-08. Duas impulsões que resultaram de dentro para fora, dadas as contradições em que se enredaram, sem remédio, os dois sistemas rivais, que se digladiaram e dividiram o Mundo, ao longo do século passado.

Mas há bolsas de opinião, nos dois extremos, que não aprenderam nada (ou muito pouco) com essas exaltantes experiências. Há comunistas e trotskistas que continuam a sonhar com a Ditadura do Proletariado e o partido único, no plano sindical e talvez político. E dirigentes de Direita que continuam a defender - em plena crise global - a mão invisível do mercado, sem regras éticas e menos Estado, para privatizarem, a seu gosto, a saúde, a educação e a segurança social...

É urgente reagir, nos dois casos. Ouvem-se mesmo pessoas sensatas da Direita, a falar da necessidade de "refundar o capitalismo global": dotando-o de regras éticas e jurídicas que acabem com os paraísos fiscais, os negócios virtuais especulativos. Leia-se: criando um novo modelo de desenvolvimento, solidário e humanista, com sérias preocupações sociais e ambientais. Quanto ao socialismo, há que o libertar dos laivos totalitários, por um lado, e por outro da tutela neo-liberal em que, em alguns casos, se deixou cair.

Voltando ao período eleitoral que estamos a viver, tenho esperança no bom senso do Povo Português e na experiência riquíssima que ganhou nestes quase trinta e seis anos. Desde o PREC, à integração europeia e ao sucesso internacional da Revolução dos Cravos, democrática, anti-colonialista e progressista.

Lisboa, 10 de Setembro de 2009